



Dom Luciano José Cabral Duarte e as vocações sacerdotais em Sergipe

Raylane Andreza Dias Navarro Barreto¹

Don Luciano José Cabral Duarte and priestly vocations in Sergipe

Resumo:

Esse texto tem por objeto de análise a atuação de Dom Luciano José Cabral Duarte frente à arquidiocese de Aracaju no período de 1971 a 1998 mais especificamente no tocante a formação de padres no Estado de Sergipe. Foi Dom Luciano, como ficou conhecido, junto com os bispo de Estância, Dom Hildebrando Mendes Costa e Propriá Dom José Palmeira Lessa, atual bispo de Aracaju que criaram o Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição e assim deram a formação sacerdotal do Brasil mais uma opção de estudos. O seminário, fundado em 1998, vem não somente representando a figura de um Arcebispo que zelou pelas vocações e por isso favoreceu a criação do seminário, mas também como um meio de carreira sacerdotal e de uma formação e ascensão intelectual e econômica.

Palavras-chave: Dom Luciano José Cabral Duarte. Seminário Nossa Senhora da Conceição. Sergipe.

This text is the subject of analysis the role of Don José Luciano

Abstract:

Duarte Cabral front of the Archdiocese of Aracaju in the period 1971-1998 more specifically regarding the formation of priests in the State of Sergipe. It was Don Luciano, as it became known, along with the office of bishops, Bishop Hildebrand Mendes and Costa Propriá Dom José Palmeira Lessa, current bishop of Aracaju who created the Major Seminary of Our Lady of Conception and so gave priestly formation Brazil one more option studies. The seminar, founded in 1998, is not only representing the figure of an Archbishop who has monitored for vocations and so favored the creation of the seminar, but also as a means of priestly career and training and intellectual and economic rise.

Keywords: Don Luciano José Cabral Duarte. Seminary Nossa Senhora da Conceição. Sergipe.

119



1 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora PPG1 do Programa de Pós-Graduação em Educação. Líder do Grupo de Pesquisa Sociedade, Educação, História e Memória (GPSEHM) da Universidade Tiradentes (UNIT). E-mail: raylane_navarro@unit.br





Nós a oferecemos pela vossa Igreja santa e católica: concedei-lhe paz e proteção, unindo-a num só corpo e governando-a por toda a terra. Nós as oferecemos também pelo vosso servo o papa João Paulo II, por nosso bispo Dom Luciano e por todos os que guardam a fé que receberam dos apóstolos. (Liturgia diária)

120



Foi assim, durante as missas, mais precisamente na parte da Oração Eucarística que ouvi durante anos, o nome “Dom Luciano”. A época, década de 1980 em Itaporanga d’Ájuda, o nome dele associado ao do Papa me fazia acreditar que se tratava de uma figura importante, de peso no meio católico. Na minha mente de menina era alguém que estava muito distante fisicamente e por quem todos nós devíamos rezar, pois deles, papa e bispo, dependia o destino da Igreja a qual estávamos vinculados. Não sabia eu que anos depois, por distintos motivos ouviria/leria muitas vezes o nome “Dom Luciano”. Era 1999 quando estava concluindo o meu curso em Ciências Sociais e o meu objeto de estudo era “A igreja católica como agente social no Baixo São Francisco”. Estudava o caso betume e como o então Bispo da Diocese de Propriá, Dom José Brandão de Castro se dedicou aos posseiros e fez do caso, um assunto internacional com ganho de causa para os posseiros em detrimento da CODEVASF. Isto na década de 1970 e 1980.

Nesse estudo pude perceber além da efetiva participação de representantes da Igreja em casos sociais para além do betume, o dos Xocós e da implantação das colônias Jardim, Alagamar, Barra da Onça, Borda da Mata e de Santana dos Frades, a divisão a Igreja em alas: a progressista e a conservadora. A progressista tendo por representante Dom Brandão e a conservadora, o Arcebispo Dom Luciano. O que isso representava? O que isso trazia para o seio da Igreja? - Se Dom Brandão colocou em evidência os direitos humanos e a justiça social, Dom Luciano, participou ativamente da faculdade Católica de Filosofia e conseqüentemente da formação de professores, da faculdade de serviço Social e da implantação da Universidade Federal de Sergipe. Assim sendo, mesmo dividida em alas e com todas as críticas que a historiografia revela, a Igreja esteve envolvida com os mais importantes assuntos do Estado nessas décadas em que estiveram a frente dela os referidos bispos. Por certo, nesse trabalho não me dediquei a atuação de dom Luciano, embora tivesse detectado no processo de investigação a sua ação na Promoção do homem do Campo, a PROCHASE. Tratava-se de uma Sociedade civil e de fins filantrópicos que num período de 20 anos (1968-1988) implantou 5 fazendas comunitárias em igual numero de municípios do Vale do Cotinguiba. Nessas fazendas de 3.343 hectares foram assentadas cerca 260 famílias.

Segundo o Monsenhor Carvalho de Sousa:



Para mostrar concretamente a viabilidade da reforma agrária e, concomitantemente, da criação de empregos para as pessoas não alfabetizadas ou de pouca instrução, que não possuíam terra para trabalhar, Dom Luciano empreendeu uma bem sucedida experiência de reforma agrária em Sergipe. Contando com a colaboração dos governadores da época, como Dr. Lourival Batista, Dr. Paulo Barreto de Menezes e Dr. João Garcez e, ainda da Misérion, instituição alemã, e até da maçonaria de Aracaju, a Loja Cotinguiba, Dom Luciano José Cabral Duarte, ainda como Bispo Auxiliar e, a partir de 1971, como Arcebispo Metropolitano de Aracaju, conseguiu recursos e comprou grandes propriedades: duas no município de Maruim, uma em Santo Amaro das Brotas, uma em Santa Rosa de Lima, uma em Carmópolis e uma em Divina Pastora. Essas 06 propriedades foram divididas em lotes de 33 tarefas (dez hectares) e nelas foram assentadas 261 famílias. Antes e depois de instalados, os chefes de família eram treinados e orientados para o cultivo da terra e tornaram-se pequenos agricultores e criadores de gado. Muitos deles, hoje, possuem transporte próprio e até casa em Aracaju. Esta melhoria de vida dos participantes do projeto justifica plenamente o nome PROCASE - Promoção do Homem do Campo de Sergipe, que, ao longo de sua existência, entre 1968 e 1988, beneficiou cerca de 5.000 pessoas.²

Em 2002 estava pesquisando o Ensino Superior em Sergipe: das Faculdades isoladas a Universidade Federal de Sergipe e embora tenha mudado de tema em função de eleger o Seminário Sagrado Coração de Jesus como objeto³, deparei-me mais uma vez com o nome “Dom Luciano”. Desta feita ligado as referidas faculdades de Filosofia e Serviço Social. Em meio aos artigos de jornais, aos livros de atas das faculdades e de alguns depoimentos de professores e ex-alunos, fui dando conta de que aquele nome que parecia tão distante na missa da Igreja de Nossa Senhora d’Ájuda em Itaporanga, estava mais próximo e se personificando. Encontrava depoimentos que lhe rendiam todas as homenagens, sobretudo pela sua inteligência, pelo seu capital cultural, pela sua rede de relacionamentos e pelo seu poder de influência, mas também encontrava opiniões que eram desfavoráveis e que destacavam a sua austeridade. Mudei de tema e meus olhos agora se voltavam para aquela que tinha sido a primeira instituição de ensino superior no Estado: o Seminário Sagrado Coração de Jesus. O período que estudei foi de 1913 a 1933, ou seja a data de sua fundação e a data do encerramento do curso maior. Isto porque o Seminário estava dividido em dois cursos: o menor/preparatório com duração de 2 anos e o

2 SOUZA, Monsenhor José Carvalho. *Presença participativa da Igreja Católica nos 150 anos de Aracaju*. Aracaju: Ed. Particular, 2006.

3 BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. *Os padres de Dom José: O Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933)*. Maceió: Edufal, 2012.



maior, onde se ministrava os cursos de filosofia e teologia respectivamente em 2 e 4 anos.

Por ordem da Santa Sé, o SSCJ foi fechado e quando reabriu, foi somente com o curso menor. E aqueles que seguiram carreira eclesiástica foi fazer o curso maior em Seminários como o de Santa Tereza em Salvador na Bahia, Nossa Senhora da Conceição na Parayba do Norte, hoje João Pessoa, o Seminário de Olinda em Pernambuco e o de São Leopoldo no Rio Grande do Sul. Ao folhear o Livro de registros do seminário, eis que encontro o nome “Luciano José Cabral Duarte”, o que instantaneamente me fez colocar o prefixo “Dom”, mas ele ali era seminarista e seminarista menor. Tratava-se do ano de 1936 e este ano já não era contemplado pela minha pesquisa, embora por curiosidade tenha dada vistas a sua estada naquela instituição. Pecebi que foi aluno por cerca de 6 anos e que também ali, anos depois foi Diretor espiritual e professor. Isto depois de ter se ordenado padre em 1948.

As paginas do Jornal “A Cruzada” também trazem o nome “Luciano Cabral Duarte” desta feita na condição de padre-articulista. Nesse espaço, seus dotes linguísticos e sua erudição são revelados. Mas tais características são reveladas mesmo em seus livros e em sua tese de doutoramento, feita como todos sabem na Sorbone em Paris, onde estudou e onde pode arregimentar ainda mais o seu capital cultural. Nesse sentido, embora não estivesse estudando a trajetória de vida de Dom Luciano, encontrei traços significativos que compõem a sua história. O que me leva a crer que a História da Igreja Católica em Sergipe não pode ser dada a ler, sem que sua atuação seja destacada. Críticas lhes foram feitas, muitas alias, mas todas elas tendo por alicerce um dos seus feitos, uma de suas opiniões, um de seus posicionamentos. Tal qual se faz com os pioneiros, com os descobridores, com os exploradores, com aqueles que de uma maneira ou de outra contribuem com o curso da história.

Atentar para os dilemas travados entre Dom José Brandão de Castro e Dom Luciano Cabral Duarte me colocou a par não somente de como dois homens de fé e de uma mesma instituição podem pensar e agir diferente, mais também como uma instituição como a Igreja Católica pode congrega em seu seio pessoas tão distintas. Assim sendo, embora hoje não mais me dedique diretamente ao tema da Igreja católica, eis que mais uma vez aparece-me o nome Dom Luciano e aqui, embora se esteja comemorando os seus 90 anos, a minha intenção não é produzir um texto apologético, mas dar a ver as ações exercidas por Dom Luciano e que, salvas as críticas, contribuíram com os rumos da História de Sergipe, em especial com aquelas páginas que têm a Igreja Católica e a educação como protagonistas.

“Eu, sou eu e minhas circunstâncias” disse Ortega y Gasset em “Meditações de Quixote”⁴. Estava ele tratando, dentre outras coisas de como

4 ORTEGA Y GASSET. José. *Meditaciones del Quijote*: Meditacion preliminar, meditacion primera. Madri: Publicaciones de la residencia de estudianties, 1914.

e o que se pode fazer diante das situações e não como elas a determinam. De qualquer sorte, eis uma palavra, uma expressão, uma categoria, uma noção, um conceito que deve ser considerado ao tratar das ações de um ser humano: circunstâncias. Em outras palavras onde e com foi criado, como foi formado o seu capital cultural, como foi constituída suas redes de relacionamentos, quais as tensões produzidas decorrentes delas, bem como o que pôde ser feito em termos práticos daquilo que se propôs.

Por certo, tratar de Dom Luciano apenas no capítulo dedicado a formação de padres de Sergipe, seria reduzir sua atuação a apenas 1/5 do que fez, mas por certo há vários trabalhos que se dedicaram direta ou indiretamente a ele como é o caso da dissertação de mestrado de Fernanda Maria Vieira de Andrade Lima que se dedicou sob a supervisão da Professora Anamaria Bueno Gonçalves de Freitas as “Contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao ensino superior sergipano (1950-1968)”⁵ e que destaca a participação do bispo nas faculdades de Filosofia e de Serviço Social, bem como da implantação da Universidade Federal de Sergipe e do Colégio de Aplicação. Um outro trabalho que ressalta a importância do Bispo é o livro “Presença Participativa da Igreja Católica nos 150 anos de Aracaju” do Monsenhor Carvalho. Nesse livro, ele sintetiza bem sua atuação como bispo em exercício de Aracaju destacando a criação de paróquias no interior e na capital de Sergipe, sua oratória nas homilias, o seu esforço junto a previdência social em prol dos benefícios trabalhistas das empregadas domesticas, a criação da Escola João XXIII e do Centro Bem-me-quer, bem como a fundação do Museu de Arte Sacra de Sergipe, a transformação do convento São Francisco em centro de encontros de evangelização e estudos, a contribuição com a instalação das irmãs beneditinas no Convento do Carmo, a implantação da Comunidade Shalom e o estímulo que deu para a instalação da Associação de dirigentes cristãos de empresas (ADCE) e da compra de uma torre para reproduzir a programação da Rede Vida de televisão aos sergipanos além da criação da Prohcase anteriormente citada.

Somadas à essas contribuições, todas elas a partir de circunstâncias específicas, e que constam registradas nas paginas da historiografia sergipana, em se tratando da formação de padres, Dom Luciano deu, tal qual no Ensino Superior sergipano e na política católica, a sua contribuição. Não somente como bispo, o que era sua obrigação, mas também como ho-

5 LIMA, Fernanda Maria Vieira de Andrade Lima. *Contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao ensino superior sergipano (1950-1968)*. (Dissertação de mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe – UFS, São Cristóvão-SE, 2009.



mem de letras e intelectual tradicional⁶ na acepção gramsciana do termo. No Seminário Sagrado Coração de Jesus, ele não somente foi estudante dos primeiros anos, mais, também, como já ressaltado, Diretor Espiritual. Quando assumiu o arcebispado em Aracaju, em 1971, assumiu também o compromisso de estimular as vocações sacerdotais e nesse sentido mandou que em todas as missas realizadas no Estado, palavras de incentivo fossem proferidas (lembro-me bem dessa parte da missa e das palavras do padre Vicente em Itaporanga nos idos de 1980).

Estava Dom Luciano, dando continuidade ao trabalho iniciado por Dom José Tomás Gomes da Silva em 1913 com a implantação do Seminário Sagrado Coração de Jesus e do qual o próprio Dom Luciano é um dos seus frutos, ao lado de tantos outros que legitimam a formação ali recebida. Talvez tal ideia tenha nascido no dia 21 de abril de 1972 quando, na chácara João XXIII na cidade de Salgado, o clero sergipano se reuniu para discutir o sínodo da igreja sobre o ministério sacerdotal como registra o Livro de Tombo da Arquidiocese de Aracaju. Foi nesse mesmo ano que Dom Luciano inaugurou a primeira escola de diáconos da Arquidiocese com 24 candidatos ao diaconato. Nos conteúdos da referida escola, percebe-se algumas das preocupações do bispo, entre elas uma formação mínima: primeiro grau completo para os diáconos rurais e curso ginásial para os diáconos urbanos; o estudo da Bíblia e que fossem homens concentrados e que tivesse “gosto pelas coisas de Deus”. A essa época, vale ressaltar, Dom Luciano era presidente do MEB (Movimento de Educação e Base) e do departamento da Ação Social do CELAM (Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano).

Tais atuações e feitos revelam o quão importante é a história local e consequentemente a sua escrita. Rafael Samuel, historiador inglês e que enveredou pela história cultural e social em detrimento de uma história factual e baseada em critérios econômicos, escreveu uma coisa que eu gostaria muito de ser a autora e por isso repito sempre. Disse ele:

A história local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos [...].⁷

6 Para Gramsci os intelectuais tradicionais se caracterizam sobretudo pela linearidade em seu pensamento e por fazer parte de uma tradição de ideário que a Igreja Católica e seus clérigos é um bom exemplo. Em suas análises e interpretações ele contempla a figura do intelectual orgânico como aquele que distinto do tradicional tem por meta a sua aliança, visto que o objetivo central é aliar o teórico e o técnico numa espécie de luta pela hegemonia política. Para mais ver: Gramsci, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999-2002, v. 2, p. 15-53.

7 SAMUEL, Raphael. Documentação história local e história oral. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 219-243, p. 220, fev. 1990. Para maiores detalhes ver: SAMUEL, Raphael. Teatros de memória. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, 1997. p. 41-81.

Nesse sentido, a história local contribui significativamente com a história global, ora legitimando as interpretações mais largas, ora dando a ela contribuições de pequena escala mas que serve de modo significativo a sua composição, análises e interpretações. Ao dedicar-se a História de Sergipe ao invés da História Romana, podemos encontrar expressões como a de Dom Luciano e que necessariamente recaí no que um outro historiador inglês, do mesmo grupo de Raphael Samuel e que ao tratar de “Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz” assim se expressou acerca das pessoas comuns e que não necessariamente constam na historiografia tradicional:

Minha questão diz respeito, antes, a que, coletivamente, se não como indivíduos, esses homens e mulheres são os principais atores da história. O que realizam e pensam faz a diferença. Pode mudar, e mudou a cultura e o perfil da história, e mais do que nunca no século XX. Essa é a razão por que dei o título a um livro sobre essas pessoas, tradicionalmente conhecidas como “pessoas comuns” de pessoas extraordinárias.⁸

125

Varias histórias são dadas a ver naquele livro, demonstrando cada uma em particular e todas em seu conjunto como pessoas comuns/extraordinárias compõem o curso da história e podem por um motivo ou por outro interferir nela. Por certo a campanha das vocações sacerdotais aconteceu em todo o mundo, as ordenações de padres foram feitas por muitos bispos, a adequação dos espaços educacionais ao público alvo também foi feita por vários gestores da Igreja em função das condições físicas e materiais da instituição local, entretanto, e vale ressaltar que sempre há um entretanto, essas pessoas como ressalta Hobsbawm (1998, p.8) “[...] são moldadas pelos seu passado e pelo seu presente, a qual a racionalidade de suas crenças e ações, como por sua vez, modelam suas sociedades e história [...]”. Eis o que fez Dom Luciano ao “interferir” na formação dos padres brasileiros quando, junto com os bispos de Estância (Hildebrando Mendes Costa) e Propriá (José Palmeira Lessa, atual bispo de Aracaju), criaram o Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição e assim deram a formação sacerdotal do Brasil mais uma opção de estudos.

Mesmo considerando que em Sergipe, a formação de nível maior, Filosofia e Teologia, já havia sido uma opção e que fora extinta em 1933, um aspecto deve ser pontuado: havia a opção de não criação de seminário uma vez que os vocacionados sergipanos, tal qual o dos outros estados sem seminários, poderiam ser encaminhados aos seminários já existentes como foi, inclusive, o caso de Dom Luciano. Reativar a formação completa do padre foi senão uma estratégia de ampliação do espectro da Igreja em Sergipe, uma opção de escolha para aqueles que queriam seguir a carreira eclesiástica. Foi assim que Adeilton Santana Nogueira, Daniel Fran-

8 HOBSBAWM, Eric. *Pessoas Extraordinárias: Resistência, rebelião e Jazz*. São Paulo: Paz e terra, 1998. p. 7-8.



cisco de Souza, Francisco Luis de Barros Dantas), José Dácio dos Santos, Josiel Santos Mota, Manoel Bomfim Lima (desistiu), Roadson Ramos Silva, Valdemir Vicente Andrade Santos e Milton Alves da Cruz Junior compuseram a primeira turma do referido seminário.

Assim como esses, vários outros seminaristas seguiram carreira e dotaram Sergipe, e outras provinciais eclesiásticas, de sacerdotes. Vale evidenciar que foi durante o Concílio de Trento, ocorrido no período de 1545 e 1563 que ficou determinado a formação de sacerdotes em lugar apropriado e com objetivos formativos (morais, éticos, filosóficos e teológicos) e que aqui no Brasil tal designação só pode ser colocada em prática, tal qual o determinado, a partir do processo de laicização, ocorrido após a proclamação da República.⁹ Muitos seminários foram criados, comunicando com o que Micelli (1988) chamou de processo de estadualização da Igreja no Brasil, mas muitos também, depois de certo tempo de funcionamento, acabaram por serem fechados pela Santa Sé, ora por motivos de economia, ora por falta de vocações sacerdotais.

Sergipe, como já ressaltado, teve o seu Seminário fechado em 1933, mas que logo no ano seguinte foi reaberto, embora com apenas o curso menor, oferecendo o curso propedêutico, o que só foi reparado 65 anos depois e na gestão episcopal de Dom Luciano. O que isso quer dizer? O que isso representa? O que isso significa para o seio católico? Embora o curso da história tenha uma lógica muitas vezes ininteligível num primeiro olhar, nesse caso específico há que se considerar que determinados atores sociais são evocados a decidir por um ou outro caminho e isso deve ser contemplado nas análises feitas, pois quando se trata de uma instituição como a Igreja Católica, em que normas e dogmas são considerados, o seu agente é quem a revela.

No seio da Igreja poderíamos dizer a criação do Seminário Maior Nossa Senhora da conceição, representa a figura de um Arcebispo que zelou pelas vocações e por isso favoreceu a criação da instituição. No tocante a comunidade de fieis, pode ser visto como uma estratégia em prol da sustentação da instituição; do ponto de vista dos vocacionados ou mesmo daqueles que porventura acharam que a carreira sacerdotal era uma alternativa de trabalho, o seminário era a chance de formação e ascensão intelectual e econômica. Já do ponto de vista da educação, o seminário significa uma casa de formação que independentemente da fé professada, se traduz, na via de acesso de muitos jovens a um significativo nível de escolaridade. Já na História sergipana o Seminário Nossa Senhora da Conceição, fundado em 1998, soma-se as outras instituições educativas. Na acepção de Magalhães:

9 Para maiores informações consultar: BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. A formação de padres no nordeste do Brasil (1894-1933). Natal: Edufrn, 2011.

A dialética entre instituição e educação é de natureza historiográfica e historiográfica. A história, valendo-se de um jogo de probabilidades de desenvolvimento do presente, se bem que do presente-passado, é essencialmente a construção de relações ou de combinações de relações (conjunturais e estruturais). A história das instituições educativas é um campo de investigação em que a instituição e a educação se articulam por ação dos sujeitos (MAGALHÃES, p. 67)

E foi nesse sentido, ou seja, contando com a ação dos Bispos Dom Luciano, Dom Lessa e Dom Hildebrando que o Seminário Nossa Senhora da Conceição se transformou em uma estrutura central no plano educativo. De modo que ele entra na História das instituições educativas como uma instituição com identidade própria e que vem formando padres aliando os preceitos católicos, a formação sacerdotal e as normas educativas nacionais. Se atentarmos para o espaço onde ele foi construído, logo se perceberá o quão influente ele foi para o seu entorno, se considerarmos sua arquitetura, perceberemos o quanto esta foi pensada estrategicamente para atender ao maior número de seminaristas e o quanto foi despendido em termos de recursos materiais e humanos para que a infraestrutura e a burocracia institucional fosse levada a curso. Se se soma isso o seu desempenho ao longo dos seus 17 anos fica fácil detectar como a sua organização privilegiou seus objetivos e funções e como os meios foram válidos, o que compõe o seu histórico de forma positiva.

Em se tratado de representação, acredito que o seminário vem preparando, tal qual o Seminário Sagrado Coração de Jesus fez nos seus primórdios, as memórias, os seus arquivos, cuidando dos seus artefatos, selecionado diligentemente os seus agentes para que a formação de que disso resulte seja fator e ou condicionante de percursos sacerdotais/profissionais que recaiam em sua identidade e que esta seja reconhecida não somente pelo corpo clerical, mas pelo público em geral. Por certo são as histórias de vida dos que passaram/passam e passarão pelo referido Seminário, reveladoras de uma formação (familiar e escolar) o que as tornam, senão projeção, uma marca do que foi/é e poderá ser a formação superior de padres em Sergipe. 17 anos, de fato é uma idade pequena, entretanto a lacuna que vem sendo preenchida o coloca no rol de opções da formação sacerdotal nacional. Eis mais uma página que a história sergipana registrará.